

# A FORMAÇÃO DA MENTE DO PSICANALISTA: CONSIDERAÇÕES A PARTIR DE FERENCZI E BION<sup>1</sup>

## THE FORMATION OF THE PSYCHOANALYST'S MIND: CONSIDERATIONS FROM FERENCZI AND BION

Luís Cláudio Figueiredo<sup>2</sup>

**Resumo:** O problema da formação em psicanálise é focalizado a partir das ideias de Sándor Ferenczi sobre a clínica psicanalítica e o que nela se exige da mente do analista em termos de oscilações, e de uma ideia de Wilfred Bion sobre a “função psicanalítica da personalidade”. O texto articula os dois autores a partir do conceito de *work-ego* do analista proposto por Robert Fliess em um artigo de 1942 sobre a metapsicologia do analista.

**Palavras-chave:** Ferenczi. Bion. Formação em psicanálise. Oscilação. Função psicanalítica da personalidade.

*Abstract: The problem of training in psychoanalysis is focused from the ideas of Sándor Ferenczi about psychoanalytic clinic and what is required of the analyst's mind in terms of oscillations, and Wilfred Bion's idea about the 'psychoanalytic function of personality'. The text articulates the two authors from the concept of analyst 'work-ego' proposed by Robert Fliess in a 1942 paper on the metapsychology of the analyst.*

*Keywords: Ferenczi. Bion. Training in psychoanalysis. Oscillation. Psychoanalytic function of personality.*

<sup>1</sup> Ideias apresentadas em palestra na Sigmund Freud Associação Psicanalítica (Porto Alegre, RS) e reapresentadas em uma mesa redonda do Grupo Brasileiro de Estudos Sándor Ferenczi no dia 19 de junho de 2021 (com a participação de Teresa Pinheiro e Renato Mezan).

<sup>2</sup> Psicanalista, membro do CPRJ e professor da Pós-Graduação em Psicologia Clínica da PUC-SP. Agradeço a Nelson Coelho Junior e Octavio Souza pela leitura de uma versão preliminar deste texto e por inúmeros apontamentos que me ajudaram a aperfeiçoá-lo.

### A PALESTRA DE FERENCZI EM MADRI EM 1928

Em 1928, em Madri, Sándor Ferenczi ministrou uma palestra sobre a formação do analista (Ferenczi, 1992 c). Publicada postumamente, consta do quarto volume de suas obras completas. Há ali, evidentemente, inúmeras ideias interessantes sobre o tema que iremos examinar.

Por exemplo, lemos já no início:

Nos ramos científicos, puramente lógicos e matemáticos, basta adotar certos dados fundamentais e incontestáveis, sobre os quais é possível edificar um saber solidamente alicerçado; nas ciências naturais, soma-se a isso uma prática: a observação e a experimentação. Em contrapartida, a experiência psicanalítica mostra que, para praticar o ofício de psicólogo, não basta uma relação lógica entre *o conhecimento e os dados experimentais*; é indispensável, além disso, efetuar um estudo profundo de nossa própria personalidade e uma observação rigorosa das nossas moções psíquicas e afetivas...a formação teórica e prática só pode vir em seguida (Ferenczi, 1992 c, p. 210, grifo do autor).

Essas ideias já nos ajudam a pensar no processo fora do âmbito estritamente cognitivo e intelectual: há questões pessoais e emocionais envolvidas e, na verdade, são elas as mais importantes.

No entanto, vou me ater a uma ideia dessa palestra que nem chegou a ser formulada de forma explícita: todos podemos cultivar o que, mais tarde, veio a ser chamado de “função psicanalítica da personalidade”. Assim, não só os profissionais que se interessam pelos assuntos humanos e que com eles lidam em seu cotidiano, mas todos os humanos, independentemente do ofício que exerçam e dos estudos que façam, poderiam se beneficiar de uma formação em psicanálise.

Já ao final de sua fala em Madri, Ferenczi nos diz:

Acabam de me informar que um grupo analítico foi formado por um etnólogo analista e por um jurista. Poderiam manifestar alguma surpresa e indagar: mas a análise não pertence à ciência médica? Responderei pela negativa; a análise é uma nova psicologia que deve ser ensinada em todos os domínios que têm a ver com a psique humana (Ferenczi, 1992 c, p. 214).

E prossegue:

Todo sociólogo, pedagogo ou criminologista encontrará o caminho aberto...mesmo que não possua formação biológica profunda. Irei ainda mais longe: num futuro mais distante estarei pronto para exigir que todo pai ou mãe de família adquira uma formação analítica (Ferenczi, 1992 c, p. 214).

Se todos poderiam ter uma formação analítica, devemos pressupor que todos temos algo mencionado, de passagem, por Wilfred Bion (1962): uma “função psicanalítica da personalidade”, a ser despertada e cultivada (cf. Ogden, 2008; Ribeiro, 2019).

A ideia que gostaria de destacar neste artigo é a de cultivo da “função psicanalítica da personalidade” no lugar do que poderia ser entendido como “formação do analista”.

## A FUNÇÃO PSICANALÍTICA DA PERSONALIDADE

A função psicanalítica da personalidade, em sua universalidade, no que consiste?

Em primeiro lugar, consiste na capacidade de transformar experiências emocionais brutas e cruas em sentido – ou seja, na capacidade de *mentalizá-las* – pela via do sonhar no sentido amplo que Bion dá ao termo (cf. Ogden, 2008). Diz Thomas Ogden: “há na personalidade uma função especificamente psicanalítica, e sonhar é o processo principal através do qual essa função se manifesta” (Ogden, 2008, p. 76). E acrescenta: “o inconsciente é a base da função psicanalítica da personalidade” (Ogden, 2008, p.77).

Mas pensemos em uma resposta que seja compatível com o que lemos em Ferenczi e em suas diversas alusões ao funcionamento da mente do analista. Trata-se de vê-lo na função de *exercer e compartilhar* a função psicanalítica da personalidade na situação analítica, ou seja, de propiciar o *encontro entre inconscientes*, tão valorizado por Freud, e mais ainda por Ferenczi, e de tornar

## ARTIGO

esse encontro a oportunidade para um profundo trabalho de elaboração das experiências emocionais aí ocorridas.

Realçaremos de saída a questão da elasticidade e da liberdade “experimental”. É preciso ser livre, espontâneo e elástico na escuta e no contato com a vida emocional do analisando. São necessárias disponibilidade, sensibilidade e tato – ou seja, empatia. É também necessária muita paciência (em uma palestra nos EUA em dezembro de 1926, Ferenczi disse que o analista precisa ter mais paciência que seu paciente) (Ferenczi, 1994, p. 38); igualmente necessárias são modéstia, sinceridade e capacidade de adaptação às necessidades e possibilidades do analisando. Tudo isso é o que contribui para (e condiciona) a capacidade de sonho, de jogo e de pesquisa no encontro clínico – vale dizer, são elementos que participam do cultivo da função psicanalítica da personalidade do analista. A ideia de *espontaneidade* atravessa todos esses atributos. A capacidade de transformação, simbolização e integração das experiências emocionais do analisando e do analista – pois estas também estão em questão, mesmo que não se exercite uma “análise mútua” – depende essencialmente dessa complexa disposição de mente que, de certa forma, se condensa na ideia de uma “elasticidade espontânea”.

A elasticidade espontânea, por exemplo, é a condição básica para as “oscilações” a que Ferenczi se refere em diversas oportunidades. Por exemplo, em 1918, no texto *A técnica psicanalítica*, encontramos:

A terapêutica analítica cria, portanto, para o médico, exigências que parecem contradizer-se radicalmente. Pede-lhe que dê livre curso às suas associações e às suas fantasias, que deixe falar o *seu próprio inconsciente*; Freud nos ensinou, com efeito, ser essa a única maneira de apreendermos intuitivamente as manifestações do *inconsciente*... Por outro lado, o médico deve submeter a um exame metódico o material fornecido tanto pelo paciente quanto por ele próprio, e só esse trabalho intelectual deve guiá-lo em seguida em suas falas e ações (Ferenczi, 1992 a, p. 367, grifos do autor).

Já em 1928, no texto *A elasticidade da técnica psicanalítica* (Ferenczi, 1992 b), podemos ler:

Pouco a pouco, vai-se percebendo até que ponto o trabalho psíquico desenvolvido pelo analista é complicado. Deixam-se agir sobre si as associações livres do paciente e, ao mesmo tempo, deixa-se a sua própria imaginação brincar com esse material associativo...

De fato, quase poderíamos falar em uma *oscilação perpétua* entre sentir-com e auto-observação e atividade de julgamento (Ferenczi, 1992 b, p. 32, grifo nosso).

E ainda: “Seus investimentos *oscilam* entre identificação (amor objeto analítico), por um lado, e autocontrole ou atividade intelectual, por outro” (Ferenczi, 1992 b, p.35, grifos nossos).

E o tema das oscilações exigidas ao analista retorna com força ao longo de todo o texto de 1930 sobre relaxamento e neocatarse (Ferenczi, 1992 d).

## AS OSCILAÇÕES NO PENSAMENTO DE ROBERT FLIESS

Essa problemática das oscilações ocupou um lugar central no trabalho de Robert Fliess *The metapsychology of the analyst* (2007). Fliess, aliás, acrescenta à oscilação entre, de um lado, identificação empática e, de outro, diferenciação e distância, sugerida por Ferenczi, a oscilação entre um ensaio de identificação (*trial-identification*) com o objeto da transferência e um ensaio de identificação com o sujeito da transferência. (anos mais tarde essa ideia foi retomada por H. Racker (1968), que falou em contratransferência complementar e contratransferência concordante ou homóloga).

Mas o artigo de Fliess vai aonde, segundo ele, Ferenczi não chegara, apesar de apontar na direção certa. Em uma nota de rodapé nos diz: “Podemos supor que foi a falta de uma orientação metapsicológica que fez com que Ferenczi no artigo que acabei de citar não tenha ido além de exigir do analista a mera habilidade de realizar tal oscilação” (Racker, 1968, p. 689).

A orientação metapsicológica, que faltara a Ferenczi, Fliess a vai buscar na ideia de que o analista em seu trabalho opera com um *work-ego* que mantém uma relação especial com o seu supereu.

A relação entre eu e supereu no *work-ego* do analista em sessão efetivamente muda. Trata-se, como assinala Fliess, de uma alteração provisória e não patológica, assim como Freud já apontava em 1927 (Freud, 1981) nas relações do eu com o supereu na situação de humor. Isso não quer dizer, naturalmente, que o analista em análise esteja fazendo graça, embora tal coisa também possa acontecer. Na verdade, acho que essa alteração é a que também ocorre durante uma brincadeira, especialmente quando a brincadeira já requer algumas regras: o supereu mantém-se firme e, de certo modo, nada permissivo, mas ao mesmo tempo autoriza o eu para, com imensa liberdade, brincar, experimentar e agir com grande espontaneidade dentro das regras bem estabelecidas. O que não pode acontecer, porque senão o jogo termina, é certo tipo de interferência superegoica no próprio campo lúdico.

Mesmo que um técnico de futebol, por exemplo, dê instruções e ensaie algumas jogadas, os jogadores jogariam mal se deixassem a voz do treinador guiar suas jogadas. As regras ensinadas pelo técnico são, aproximadamente, do tipo que o filósofo John Searle (1969) denominou de “regras regulatórias”. Mas, jogando bem ou mal, seguindo as instruções do técnico ou improvisando, os jogadores devem seguir as regras constitutivas do futebol. O juiz e os bandeirinhas são os responsáveis por elas serem obedecidas de forma a garantir que todos joguem mesmo futebol.

Uma distinção semelhante à que pode ser feita entre “regras regulatórias” e “regras constitutivas” deve se operar nas funções superegoicas para que o supereu do analista ajude o seu *work-ego* a manter-se na posição analítica, observando e “pensando”, brincando e sonhando.

Um analista perderia sua capacidade de escuta e pensamento, de brincadeira e de sonho, se deixasse que as vozes de teorias e supervisores ressoassem em sua mente durante a sessão como regras regulatórias, tal como os jogadores ficariam inibidos e embaraçados com o excesso de presença do técnico em campo durante a partida.

O *work-ego* do analista deve gozar da mesma autoridade diante do supereu para que uma sessão de análise aconteça com a espontaneidade e a criatividade preconizadas por Sándor Ferenczi. Assim sendo, seu *work-ego* talvez

## ARTIGO

funcione como uma espécie de dobradiça entre os dois polos que balizam as oscilações propostas por Ferenczi: a entrega aos jogos do inconsciente e o auto-controle. Na falta desse *work-ego*, em sua relação peculiar com o supereu, talvez viesse a ser perdida a dissimetria da relação analítica. Sem ela, as relações ‘analista-analisando’, nos dois polos da oscilação, poderiam resvalar para uma relação simétrica.<sup>3</sup>

Como instaurar uma mente de analista que opere com um *work-ego* tal como sugerido por Robert Fliess, e com um supereu cuja função de observação garantidora e autorizante prevaleça sobre a função de julgamento e reprimenda? Essa talvez seja a principal questão colocada à atividade formativa em psicanálise.

Certamente a tarefa pode ser mais bem compreendida e conduzida se substituirmos a ideia da *formação* – que muito se aproxima de “modelagem” e mesmo de “formatação” – pela de *cultivo*, cultivo de um potencial para que ele cresça e floresça.

Estarão as instituições psicanalíticas à altura dessa tarefa, ou permanecem comprometidas com a modelagem e formatação de réplicas? Réplicas que estariam em absoluto contraste com tudo o que podemos aprender e pensar a partir das ideias de Ferenczi sobre a clínica psicanalítica.

Nada menos ferencziano, por exemplo, que fazer do chamado “processo formativo” uma ocasião de doutrinação – isto é, formatação doutrinária –, mesmo que esta fosse uma doutrinação pretensamente ferencziana. Da mesma forma, uniformizar os “formandos” fazendo-os vestir uma mesma camisa – ainda que essas camisas trouxessem impresso o nome FERENCZI em letras maiúsculas – seria um completo desserviço à psicanálise, especialmente a uma psicanálise praticada sob sua inspiração.

O que se sugere, assim, é a tarefa de instalar um *work-ego* de analista em que a função psicanalítica da personalidade possa ser exercida em sua máxima potência e, portanto, com o mínimo de constrangimentos.

Mas, evidentemente, a proposta de cultivo da função psicanalítica da personalidade não é fácil de ser praticada ou mesmo de ser concebida. Por enquanto, o que nos parece possível e necessário é repensar a análise pessoal, a prática supervisionada e o estudo teórico à luz dessa ideia de modo a não deixar esse famoso tripé a serviço de uma noção vulgar e ortopédica de formação.

## NOTA

3. Talvez tenha faltado a Ferenczi uma noção de *work-ego* para além do plano teórico, como dizia Fliess, incluindo também a prática clínica. Sua proposta de “análise mútua” pode ter advindo dessa lacuna.

## REFERÊNCIAS

Bion, W. R. (1962). **Learning from experience**. London: Aronson.

Ferenczi, S. (1992 a). **A técnica psicanalítica** (Obras Completas, Vol. II). São Paulo: Martins Fontes.

Ferenczi, S. (1992 b). **A elasticidade da técnica psicanalítica** (Obras Completas, Vol. IV). São Paulo: Martins Fontes.

Ferenczi, S. (1992 c). **O processo de formação psicanalítica** (Obras Completas, Vol. IV). São Paulo: Martins Fontes.

Ferenczi, S. (1992 d). **Princípio de relaxamento e neocatarse** (Obras Completas, Vol. IV). São Paulo: Martins Fontes.

Ferenczi, S. (1994). Present-day problems in psycho-analysis. In Ferenczi, S. **Final contributions of Sándor Ferenczi**. London: Karnac.

Fliess, R. (2007). The metapsychology of the analyst. **Psychoanalytic Quarterly**, 76(3).

Freud, S. (1981). **Humour** (J.Strachey,Org., London, Standard Edition).

Ogden, T. H. (2008). Os quatro princípios fundamentais do funcionamento mental a partir de Bion. In Candi, T. et al. (Orgs.). **Diálogos psicanalíticos contemporâneos do afeto ao pensamento – Bion & Laplanche**. São Paulo: Escuta.

Racker, H. (1968). The meanings and uses of countertransference. In Racker, H. **Transference and countertransference**. London: Karnac.

Ribeiro, M. F. R. (2019). Alguns apontamentos acerca da função psicanalítica da personalidade no campo analítico. A narrativa do analista e do escritor. **Cadernos de Psicanálise**, 41, 169-187.

Searle, J. R. (1969). **Speech acts. An essay in the philosophy of language**. Cambridge: Cambridge University Press.